

BIOGRAFEMAS

Sem dúvida não seria necessário descrever minuciosamente o maior homem de sua época, ou notar a característica dos mais célebres do passado, mas contar com a mesma preocupação as existências únicas dos homens, quer tenham sido divinos, medíocres, ou criminosos.

Marcel Schwob. ***Vidas Imaginárias***.

Uma coleção de biografemas. Talvez o próprio biografema não seja senão um gesto antigo, quase infantil de reunir fragmentos soltos. Quem durante sua vida não se entregou ao procedimento de ordenar coisas aparentemente dispersas cuja beleza estava na possibilidade de instaurar um novo ordenamento, uma numeração, um conjunto? O colecionismo é uma maneira de procura pelo todo que acontece ao enfrentar de forma abissal a incompletude e a raridade. O deleite erótico de quem busca não está na posse, mas no gozo da procura e na certeza de recomeçar sempre.

Os biografemas encontram em Marcel Schwob um de seus gestos inaugurais. Em suas *Vidas Imaginárias*, não se trata de restituir uma verdade, mas de fazer surgir uma forma única, tão precária quanto viva. Os biografemas dizem respeito à captura do instante de um ínfimo agrupamento, como um punhado de cinzas no momento prévio do lançamento ao vento. O pó que resta é fruto do movimento de um corpo que foi lançado, mas que poderá viajar fora de qualquer destino e, como queria Roland Barthes, vir a tocar algum corpo futuro. Esse, por sua vez, sentirá, no calafrio de sua espinha, o sentido da dispersão daquelas cinzas.

A grafia de uma vida é necessariamente o movimento desta vida. Ao buscar o biografema como forma, os autores partem do reconhecimento na própria escrita da impossibilidade do todo, recusando a ilusão biográfica, escapando dos códigos e das conexões lineares, causais, psicologistas e historicistas das formas biográficas. É caminhar na direção do outro, sabendo que não há como seguir pegadas sem deixar suas próprias marcas. Ao olhar para trás, todo caminhante encontra

seus passos rasurando os rastros deixados por aqueles que passaram antes. Ainda assim, aquele que caminha, se entrega ao sabor de colecionar esses instantes de vida deixados nessas marcas dispersas. Por isso, dá valor ao ordinário, àquilo que é fugidio, àquilo que é insignificante. São imagens inacabadas, difusas, que pulsam no arquivo, esse lugar de encontros íntimos com vidas ausentes, com aqueles cujas costas encontram-se sempre voltadas para nós. Resta colecionar esses instantes perdidos nos diários íntimos, nas memórias, nas confissões, nos inquéritos, nos álbuns familiares e nas certidões. Juntar amorosamente esses vestígios de vida, enxergando neles pormenores ao mesmo tempo descontínuos, irregulares e intermitentes. Aquilo que tomba, mas também que sobrevive.

Foram doze títulos reunidos na primeira fase da coleção **Biografemas**, sob o abrigo da Editora Humana, entre 2021 e 2025. Histórias de mulheres e homens que, ao atravessarem esse delicado dispositivo que chamamos livro,

passaram a existir de outro modo. De cada um deles, irradiam novos encontros imprevistos, formas outras de vida, nascidas do gesto paciente da pesquisa e do trabalho da edição.

Agora, como tudo aquilo que vive, a coleção se move, desloca-se, encontra outra casa, sem renunciar ao impulso que a fez nascer. Essa parece ser a forma mais fiel de sua permanência: não se fixar, mas seguir em movimento.

Resta, então, confiar na dispersão.

No sopro do vento.

Ricardo Machado,
Coordenador da coleção *Biografemas*

BIOGRAFEMAS

TÍTULOS DA COLEÇÃO BIOGRAFEMAS

Dalme Marie: escultora

por Daiana Schvartz (2021, 2026)

Vicente Morelatto: histórias de um autor e seu livro

por Fernando Vojniak (2022)

Sándor Lénárd no fim do mundo

por Fernando Boppré (2022)

Dario Vellozo: em busca do templo perdido

por Caio Ricardo Bona Moreira (2022)

Mariano Moreno e seus exílios

por Fábio Feltrin de Souza (2023)

Félix Peyrallo Carbajal: atlas poético

por Ricardo Machado (2023, 2026)

Elke Hering: diários de formação

por Daiana Schvartz (2023)

Sebastião Ataíde: presença, trajetória e protagonismo

por Renilda Vicenzi (2023)

Giovanni Rossi: semeador de utopias

por Cássio Brancalone (2023)

Fen'Nó: legado de luta

Por Adiles Savoldi (2024)

Lélia Gonzalez: rebeldias epistêmicas

Por Taynara Silva (2024)

Mari Madógllo: trabalhadora e sindicalista

Por Andréa Luiza da Silveira (2025)

Brasil Gerson: doce de abóbora dá chumbo para canhão

Por Raul Antelo (2026)